

Em ação

Juntando forças para construir um sistema alimentar resiliente, sustentável, seguro e saudável!



Junho 2022

Numa palavra

Envolvido

O Presidente da WUWM Stéphane Layani recebeu o prémio de «Best Commitment» do Better World Endowment Fund pelo trabalho da WUWM em prol da sustentabilidade no sector alimentar!

Em foco

Reserve a data e junte-se a nós para a conferência de 2022 da WUWM em Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos!

Em factos

Entrevista

com Graham Sanders, Director Executivo do Grupo Ghassan Aboud, Centro Regional de Alimentação Abu Dhabi

Em boas práticas

O mercado grossista de Barcelona, Mercabarna, juntou-se à Universidade Politécnica da Catalunha e criou a primeira biblioteca digital sobre resíduos alimentares em Espanha!

Em destaque

Construir em conjunto cadeias de abastecimento responsáveis. Entrevista com Marjoleine Hannis, Presidente do Grupo Consultivo da OCDE-FAO sobre Cadeias de Abastecimento Agrícola Responsáveis

2

3

4

5

6

8

9

Informação

Quais são os maiores desafios para o sector alimentar? Descubra a opinião de Emeline Fellus do Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável

Em ação

Como nos podemos preparar melhor para uma futura crise no sector dos alimentos frescos? Os investigadores da FAO partilharam connosco diferentes casos e lições de comportamentos dos governos locais durante a pandemia de Covid-19

Em eventos

A WUWM participou no painel do Webinar SFS-MED «Gestão de resíduos alimentares e economia circular em cidades mediterrânicas»

No mundo da WUWM

13

16

22

23

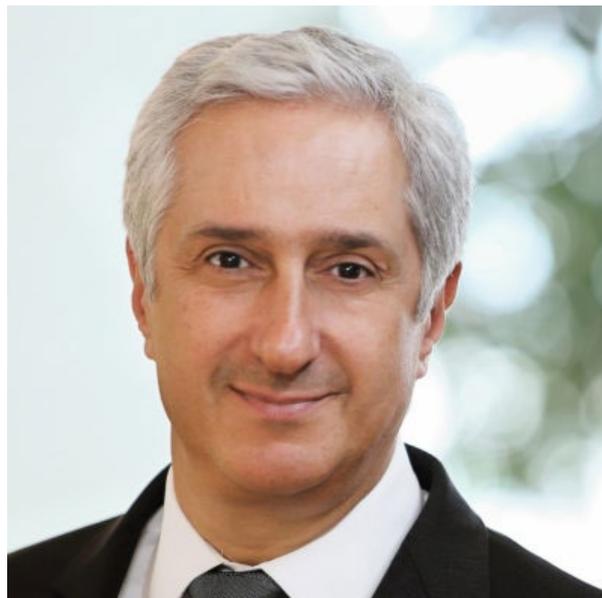


Numa palavra

Caros leitores,

Num momento em que os governos de todo o mundo estão preocupados com perturbações na cadeia de abastecimento alimentar que possam conduzir a crises alimentares, é fundamental trabalhar em cooperação para reforçar os sistemas alimentares e tornar a logística da cadeia de abastecimento alimentar tão robusta e resiliente quanto possível. Como principais atores do sector do abastecimento de alimentos frescos, temos o poder de construir as alianças, plataformas e sinergias necessárias e de desenvolver todas as ferramentas e mecanismos necessários para evitar ruturas alimentares nos próximos meses.

Tenho o prazer de anunciar que a Conferência de 2022 da WUWM terá lugar em Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos, de 20 a 22 de outubro. Esta conferência será uma ocasião para obter uma perspetiva multistakeholder dos principais atores que moldam o sector dos alimentos frescos e definir medidas que podem ser tomadas para construir a resiliência da cadeia de abastecimento, evitar crises alimentares e garantir a segurança alimentar. Os riscos são agora globais, razão pela qual, agora mais do que nunca, todos os atores que moldam o sector alimentar devem manter-se na linha da frente desta luta para construir mecanismos de resposta inovadores, adaptáveis e eficientes face à crise alimentar. Temos de nos empenhar numa abordagem multistakeholder para superar as dificuldades que o sistema alimentar enfrenta nos próximos anos em termos de distribuição, logística e coordenação.



A WUWM acredita no poder da partilha e da cooperação para resultados bem sucedidos e duradouros que beneficiem o sistema alimentar.

Nesta edição da newsletter da WUWM temos o prazer de anunciar a data e o local da Conferência de 2022 da WUWM.

Gostaria de convidar todos os atores interessados a juntarem-se a nós em Abu Dhabi para o nosso Congresso da WUWM em 2022!

Obrigado pelo vosso apoio constante.

Com os melhores cumprimentos,

Stephane Layani,
Presidente da WUWM



Envolvido:

O Presidente da WUWM Stéphane Layani recebeu o prémio de «Best Commitment» do Better World Endowment Fund pelo trabalho da WUWM em prol da sustentabilidade no sector alimentar!

Por ocasião do 75º Festival de Cannes, o Better World Endowment Fund organizou uma cerimónia especial de atribuição de prémios para reconhecer o trabalho de figuras proeminentes para salvaguardar um «mundo melhor».

3 Este ano, o tema do prémio foi «Alimentação, saúde e sustentabilidade», com o objetivo de dar visibilidade e reconhecer as pessoas cujas ações e empenho abordam as questões humanitárias e de sustentabilidade mais prementes do nosso tempo. Devido à crescente preocupação com a insegurança alimentar, este ano o Fundo decidiu dedicar o evento à sustentabilidade no sector alimentar. Stéphane Layani, como Presidente da WUWM, recebeu o prémio de « Best Commitment» em reconhecimento do trabalho que ele, a sua equipa e todos os membros dos mercados grossistas da WUWM fazem para garantir a segurança alimentar e o acesso ao fornecimento de alimentos frescos nutritivos, saudáveis, acessíveis e sustentáveis a todos.

O Better World Endowment Fund é um fundo de dotações com sede em Paris. Foi criado em 2016 em resposta a um impulso humanitário vindo de uma sociedade que necessita de mais igualdade e verdade. Para além das diferenças políticas, religiosas ou culturais, o movimento dá poder aos direitos das mulheres, direitos de educação, proteção do ambiente e da biodiversidade. O Fundo tem vindo a organizar uma série de eventos em locais-chave em diferentes partes do mundo, tais como o Festival de Cinema de Cannes, o Festival de Cinema de Veneza, ou a Dubai Expo 2020. O movimento opera juntamente com pessoas influentes das indústrias do Cinema, Música, Negócios, Desporto e Moda, trabalhando através da arte para aumentar



a sensibilização e os fundos para promover a ação humanitária e o desenvolvimento sustentável em todo o mundo. «Das imagens à ação, o Better World Endowment Fund aspira a ser mais do que um único evento. Estamos de pé como um movimento que lança luz sobre ações concretas que impactam pessoas em todo o mundo. Trabalhamos para nos concentrarmos nas principais questões humanitárias do nosso tempo» afirmou Manuel Collas De La Roche, Presidente e Fundador do Better World Endowment Fund.

Durante a cerimónia, foram atribuídos 4 outros prémios pelo seu empenho em causas humanitárias e nos objetivos de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas: Dominique Ouattara, Sharon Stone, Aamruta Fadnavis e Skyler Griswold.

Este prémio é um reconhecimento muito importante, uma vez que simboliza o constante esforço e empenho da nossa organização na construção de um futuro melhor para as comunidades mundiais e para o planeta Terra, e representa também uma fonte de inspiração para cumprir este reconhecimento prosseguir o nosso trabalho nos anos vindouros!

“Stéphane Layani, foi galardoado com este prémio em reconhecimento do trabalho que os mercados grossistas fazem para garantir a segurança alimentar e o acesso a alimentos frescos nutritivos, saudáveis, acessíveis e sustentáveis para todos.”

Em foco:

Reserve a data e junte-se a nós para a conferência de 2022 da WUWM em Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos!

4 Temos o prazer de anunciar que a Conferência da WUWM em 2022 terá lugar de 20 a 22 de outubro em Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos (EAU)! Este ano, a Conferência da WUWM é particularmente importante - tanto em termos concretos como simbólicos - por uma série de razões. Num momento histórico em que os governos de todo o mundo estão preocupados com uma crise alimentar aguda, é importante que os peritos do sector alimentar, mercados grossistas, agricultores, mercados políticos, logística, grossistas, investidores, organizações internacionais e governos unam esforços e deem passos sólidos no sentido de uma cadeia de abastecimento alimentar resiliente que possa assegurar a redução ao máximo do risco de crises alimentares e perturbações da cadeia de abastecimento.

A conferência de 2022 da WUWM representa uma oportunidade para reunir todos os principais atores do sector, que serão capazes de interagir, partilha sobre as suas iniciativas durante a COVID-19 para enfrentar eventuais ruturas, construir novas parcerias, inspirar-se noutras experiências e comprometer-se a tomar medidas concretas para os sistemas alimentares que possam beneficiar os cidadãos de todo o mundo. A conferência terá lugar pela primeira vez na região do MENA (Médio Oriente/Norte de África), uma área geográfica em que os EAU estão a assumir a liderança para a partilha sobre estas questões prementes.

O MENA é um território desafiante, altamente dependente de uma cadeia de abastecimento fiável, uma vez que a maior parte dos alimentos consumidos localmente é importada. Com um clima particularmente agressivo para a agricultura, a melhoria das cadeias de abastecimento e o fomento da agricultura local têm de estar na vanguarda em termos de inovação.

Mais informações sobre a conferência serão partilhadas em breve, entretanto, estamos entusiasmados por anunciar a data e o local do evento e convidamos todos vós a juntarem-se a nós para este importante evento.

“A conferência da WUWM em 2022 representa uma oportunidade de reunir todos os principais atores do sector”



Em factos:

- Criar ambientes alimentares sustentáveis significa garantir que os alimentos, bebidas e refeições que contribuem para dietas saudáveis sustentáveis sejam os mais disponíveis, acessíveis, agradáveis e amplamente promovidos.
- O preço, a falta de informação e o desafio de identificar opções alimentares sustentáveis, bem como a sua disponibilidade limitada, são as principais barreiras percebidas à alimentação sustentável.
- Os ambientes alimentares sustentáveis impulsionam a procura de cadeias de abastecimento e modelos de produção socialmente justos que trabalham com a natureza, que são à prova do clima e que tomam como ponto de partida níveis elevados de bem-estar animal.
- Consumo alimentar ambientalmente sustentável é a utilização de produtos alimentares que respondem às necessidades básicas e proporcionam uma melhor qualidade de vida, minimizando ao mesmo tempo a utilização de recursos naturais, materiais tóxicos e emissões de resíduos e poluentes ao longo do ciclo de vida.
- O declínio contínuo da diversidade de culturas nos sistemas de produção agrícola está a tornar vulneráveis os sistemas alimentares mundiais: 75% dos alimentos do mundo são gerados a partir de apenas 12 plantas e 5 espécies animais, sendo que apenas 3 espécies vegetais fornecem mais de 50% das necessidades energéticas alimentares do mundo.
- Os mercados grossistas são atores-chave para fomentar a diversidade de culturas, uma vez que comercializam a maior quantidade de frutas e vegetais diversificados em comparação com outros atores da cadeia de abastecimento alimentar
- A investigação da FAO indica que os mercados têm sido bem sucedidos na consecução de mudanças positivas nos ambientes alimentares, através de: melhoria das economias locais e agrícolas, realçando o uso da terra para a produção e aumentando o acesso dos residentes a alimentos saudáveis.
- A implementação de um quadro legal eficiente para ambientes alimentares saudáveis e sustentáveis é uma das melhores formas de cumprir os compromissos internacionais no domínio dos direitos humanos, incluindo o direito das crianças à saúde e o direito à alimentação.

“Criar ambientes alimentares sustentáveis significa garantir que os alimentos, bebidas e refeições que contribuem para dietas saudáveis sustentáveis sejam os mais disponíveis, acessíveis, agradáveis e amplamente promovidos.”

Entrevista com Graham Sanders

**Director Executivo do Grupo
Ghassan Aboud, Centro Regional
de Alimentação Abu Dhabi**



6

Tivemos o prazer de entrevistar Graham Sanders, Diretor Geral do Centro Regional de Alimentação de Abu Dhabi. Falámos sobre a próxima Conferência da WUWM e a importância que tem para a região do Médio Oriente/Norte de África (MENA) e para os Emirados Árabes Unidos em particular (EAU). Esta área geográfica precisa de ultrapassar muitos obstáculos para alcançar a segurança alimentar e um sistema alimentar resiliente; mas ao mesmo tempo, há muitas oportunidades a aproveitar. Graham Sanders também destacou o trabalho da sua empresa. O Grupo Ghassan Aboud está a levar a cabo, em colaboração com o governo de Abu Dhabi, a construção de um «Pólo Alimentar Regional» em Abu Dhabi, que poderia melhorar significativamente a segurança alimentar na região.

Esta conferência vai ser a primeira a ter lugar na região. Pode explicar brevemente aos nossos leitores porque decidiu organizar esta conferência? E porque é tão importante ter uma conferência na região do MENA?

A região do MENA alberga entre 450 e 600 milhões de pessoas. É cultural e etnicamente diversa, está a crescer rapidamente e está cada vez mais integrada no comércio mundial, desporto, arte e política. Os EAU estão a assumir um papel de liderança e o 'Regional Food Hub Abu Dhabi' é uma expressão desta liderança na cadeia de abastecimento alimentar. A Conferência da WUWM é uma oportunidade para partilhar a visão deste projeto e país e para discutir as mudanças que ocorrem no sector alimentar na região do MENA.

Poderia descrever a situação atual do sector alimentar na sua região? Quais são os desafios mais prementes a ultrapassar para alcançar a segurança alimentar e sistemas alimentares sustentáveis na região?

A segurança alimentar, o abastecimento alimentar e a nutrição adequada para a população na região do MENA é um desafio sério e permanente. Os vários conflitos na região perturbam a produção alimentar, as alterações climáticas e o «stress hídrico» está a ter impacto na produção agrícola e o rápido crescimento populacional está a aumentar estas questões. Metade dos alimentos da região MENA é importada e esta percentagem sobe para mais de 90% no GCC (Conselho de Cooperação do Golfo). A Covid expôs os riscos de ser tão dependente da importação para o abastecimento alimentar. A situação na Ucrânia está mais uma vez a aumentar os preços e os riscos de produtos alimentares vitais na região do MENA. Enfrentar estes desafios é muito complexo e muitas vezes ultrapassa a capacidade de um único país. As alterações climáticas e os conflitos geopolíticos, por exemplo, têm impactos materiais sobre o abastecimento alimentar e a acessibilidade de preços no MENA.

Pode partilhar algumas das estratégias adotadas - ou prestes a serem implementadas - para alcançar o objetivo da resiliência alimentar?

O Centro Regional de Alimentação Abu Dhabi faz parte da estratégia do governo dos EAU para melhorar as cadeias de abastecimento alimentar na região. A construção de eficiências na cadeia de abastecimento alimentar e a adição de capacidade de armazenamento e logística ajudarão a amortecer os efeitos dos problemas da cadeia de abastecimento, da flutuação dos preços dos produtos alimentares e de sistemas logísticos ineficientes e fragmentados. O governo dos EAU



“A segurança alimentar, abastecimento alimentar e nutrição adequada para a população é um desafio sério e permanente.”

está também a investir e a encorajar o investimento do sector privado em tecnologia de produção alimentar em climas desérticos.

Está a construir um centro alimentar regional em Abu Dhabi com o objetivo de se tornar o «maior centro de comércio grossista de alimentos da região», poderia falar um pouco mais sobre isso aos nossos leitores? Porque decidiu empreender este projeto? Quais acha que podem ser os benefícios que o centro de comércio alimentar pode trazer à região? Quais são os objetivos deste projeto?

O Centro Regional de Alimentação Abu Dhabi é uma parceria público-privada ambiciosa entre o Governo de Abu Dhabi (através dos Portos AD) e o Grupo Ghassan Abound. O nosso parceiro tecnológico e operacional é Rungis. A região MENA é muito vasta e a segurança alimentar e a resiliência da cadeia de abastecimento nesta região é frágil. Não existe um núcleo central para o comércio em grande escala de produtos alimentares por grosso para a região. O governo dos EAU e o Grupo Ghassan Abound reconheceram a excelência logística dos EAU e posicionaram o hub para o acesso direto aos principais portos marítimos, aeroportos importantes, excelentes redes rodoviárias e o novo sistema ferroviário do Golfo atualmente em construção. O objetivo é desenvolver um «balcão único» em muito grande escala para o comércio e logística de todas as principais categorias alimentares para servir a região do MENA. O local tem quase 4 quilómetros quadrados e será construído ao longo dos próximos anos. Os acionistas também reconhecem a importância crucial de desenvolver um mercado para o sector agrícola em rápida expansão nos Emirados Árabes Unidos.



O projeto tem uma característica realmente inovadora/única, esta parceria com o AD ports Group, pode partilhar algumas palavras sobre o mesmo e por que razão optou por estabelecer uma parceria com eles?

Esta é uma das primeiras parcerias público-privadas em larga escala em Abu Dhabi. Os acionistas são um bom ajuste uns com os outros. Os portos de Abu Dhabi têm uma extensa cadeia de fornecimento, instalações e conhecimentos logísticos e o Grupo Ghassan Abound tem uma pegada substancial e crescente no sector alimentar da região. Ambas as partes se preocupam profundamente com a segurança alimentar da população da região e estão preparadas para investir em soluções a longo prazo para algumas das mais complexas questões relacionadas com a alimentação.

Poderia partilhar com os nossos leitores porque é importante participar na próxima conferência da WUWM em Abu Dhabi?

Há muitas razões pelas quais os membros da WUWM devem participar na conferência de Abu Dhabi. A região MENA está cheia de oportunidades no sector alimentar - desafios, claro, mas também oportunidades. Isto não é «business as usual» - esta região, mas os EAU em particular, está a investir, desenvolver e criar novas indústrias alimentares. É um pólo de tecnologia/arranque e inovação para a indústria alimentar. Se quiser ligar a Ásia e a Europa, então fá-lo através dos EAU. Se quiser perseguir oportunidades na região do MENA, então fá-lo a partir dos EAU. Abu Dhabi realizará uma conferência espectacular, que será informativa, divertida e com classe. Os contactos e amigos que fará na conferência de Abu Dhabi serão únicos e valiosos e é uma grande oportunidade para ver como o mundo se reúne para fazer negócios na encruzilhada do mundo - os EAU.

Regional Food Hub - Abu Dhabi

In collaboration with



مجموعة موانئ أبوظبي
AD PORTS GROUP

A public private partnership



GHASSAN ABOUD GROUP
Building a better future... together

Em boas práticas:

O mercado grossista de Barcelona, Mercabarna, juntou-se à Universidade Politécnica da Catalunha e criou a primeira biblioteca digital sobre resíduos alimentares em Espanha!

8

A Universidade Politécnica da Catalunha (UPC) e o Mercabarna criaram uma biblioteca para a luta contra os resíduos alimentares, uma das primeiras obras concretas que a biblioteca está a lançar é a primeira coleção bibliográfica online em Espanha dedicada à redução de resíduos alimentares. Esta coleção em linha trará informação chave sobre boas práticas aos mercados grossistas e aos atores do sector dos alimentos frescos e ferramentas concretas para combater o desperdício alimentar.

Esta primeira biblioteca digital sobre resíduos alimentares em Espanha é o resultado de uma colaboração bem sucedida entre a Cátedra da Universidade Politécnica da Catalunha (UPC)-Mercabarna e a Biblioteca do Campus Baix Llobregat da UPC.

Dará acesso a todos os intervenientes da cadeia alimentar, regulamentos e aplicações atuais e fornecerá também informação atualizada sobre resíduos na cadeia agroalimentar, recuperação, quantificação de resíduos e reutilização e economia circular.

A luta contra os resíduos alimentares não é fácil de vencer, necessita de inovação e de múltiplos atores a trabalhar em conjunto. Esta ferramenta representa uma grande inovação para aproximar a legislação e as práticas existentes das empresas alimentares, apoiando os agentes da cadeia alimentar no cumprimento dos regulamentos em vigor.

“Esta coleção em linha trará para outros mercados grossistas e agentes alimentares frescos informações chave sobre boas práticas e ferramentas concretas para combater o desperdício alimentar!”

De facto, as empresas alimentares e entidades sociais que distribuem alimentos na região da Catalunha são obrigadas - entre outros requisitos - a ter um plano de prevenção de desperdício alimentar e a sua implementação, e devem também informar anualmente sobre a quantificação dos seus desperdícios, nos termos estabelecidos na «Lei de Prevenção de Desperdício Alimentar», que está em vigor desde 2020. No resto de Espanha, o Governo está a elaborar um projeto de lei sobre a matéria.

O portal permite a atualização automática das fontes de informação para manter a Biblioteca atualizada, sempre sob a supervisão e intervenção dos peritos da Presidência e da Biblioteca do Campus de Baix Llobregat.

Este catálogo de resíduos alimentares já dá acesso a 6.000 artigos, 236 artigos de investigação, mais de 1.500 documentos do repositório UPC, 100 referências bibliográficas a livros, 6 projetos europeus, entre outros. A biblioteca digital de resíduos alimentares tem 8 secções diferentes: casa, artigos, bases de dados, livros, artigos académicos, normas, projetos e melhores práticas/iniciativas.

Para além de dados e regulamentos, é possível consultar artigos, livros eletrónicos e publicações académicas disponíveis nas bibliotecas da UPC e noutras bibliotecas das universidades catalãs, bem como informações sobre o assunto provenientes de instituições espanholas e europeias.

Os utilizadores podem também consultar as teses de licenciatura e mestrado da UPC que tratam do tema dos resíduos. Os projetos, práticas e iniciativas estão também listados na biblioteca, sendo possível aos utilizadores enviar informação sobre ações que conhecem ou que desejam propor.





Em destaque:

Construir em conjunto cadeias de abastecimento responsáveis! Entrevista com Marjoleine Hannis, Presidente do Grupo Consultivo da OCDE-FAO sobre Cadeias de Abastecimento Agrícola Responsáveis

9

A WUWM foi selecionada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) e pela Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO) como membro permanente no Grupo Consultivo Multilateral (AG) sobre Cadeias de Abastecimento Agrícola Responsáveis. O objetivo da plataforma é reunir os principais atores do sector que, através da colaboração conjunta e da partilha de conhecimentos mútuos, podem ajudar a desenvolver cadeias de valor alimentar sustentáveis e responsáveis de sucesso. A WUWM orgulha-se de fazer parte deste inovador Grupo de Peritos, e gostaríamos de partilhar mais conhecimentos com os nossos leitores sobre o objetivo, organização e resultados esperados do Grupo. A Dra. Marjoleine Hannis, que detém a Representação Permanente dos Países Baixos junto da OCDE e serve como Presidente do Grupo Consultivo, respondeu às nossas perguntas.

Poderia apresentar os principais objetivos/metast desta iniciativa aos nossos leitores?

A globalização teve um grande impacto na forma como os alimentos são produzidos, obtidos e consumidos em todo o mundo. Cada vez mais, muitas empresas agroalimentares reconhecem a sua responsabilidade e papel na integração de objetivos de sustentabilidade nas suas operações e cadeias de abastecimento globais. A questão é, dadas as complexidades das cadeias de abastecimento globais, como podem as empresas alcançar estes objetivos? Em 2016, a FAO e a OCDE lançaram a Orientação OCDE-FAO para Cadeias de Abastecimento Agrícola Responsáveis (Orientação OCDE-FAO) para ajudar as empresas agrícolas e alimentares a operacionalizar normas de conduta empresarial responsável (RBC) acordadas internacionalmente e a implementar a devida diligência baseada no risco, contribuindo ao mesmo tempo para o desenvolvimento sustentável. A Orientação OCDE-FAO destaca algumas das principais áreas de risco que as empresas enfrentam frequentemente no sector agrícola quando se abastecem em países de baixo e médio rendimento. Entre outras, isto pode incluir impactos salientes nos direitos humanos e laborais, bem-estar animal, desflorestação e esgotamento dos recursos naturais. Além disso, a Orientação mostra às empresas como reduzir esses impactos negativos.

Poderia partilhar connosco alguns exemplos concretos de conduta empresarial responsável que possam cumprir os objetivos identificados pela Orientação da OCDE-FAO?

Uma das principais mais-valias da Orientação da OCDE-FAO é o seu quadro de cinco etapas para a devida diligência baseada no risco. O quadro fornece uma abordagem passo a passo sobre como as empresas podem operacionalizar a diligência devida baseada no risco nas suas próprias operações, cadeias de fornecimento e relações comerciais.

A diligência devida é um processo através do qual as empresas podem proactivamente identificar, prevenir e dar conta da forma como abordam os impactos ambientais e sociais adversos reais e potenciais das suas atividades como parte central da tomada de decisões empresariais e da estratégia de gestão do risco. Os detalhes deste quadro de diligência são cada vez mais apresentados nas políticas e regulamentos governamentais sobre sustentabilidade empresarial. Quando implementada eficazmente, a diligência devida pode beneficiar as empresas ao reduzir os riscos operacionais, reputacionais e financeiros, assegurando que as suas operações não causam danos às pessoas e ao planeta. Através da diligência devida, as empresas podem melhorar a produtividade e dar um maior contributo para os ODS, indo para além das suas próprias operações, para as relações comerciais ao longo de toda a cadeia de valor.

De que forma pensa que os mercados grossistas podem ajudar/trabalhar para a realização dos objetivos identificados pela Orientação da OCDE-FAO?

10

Os mercados grossista e retalhista ocupam uma posição crítica nas cadeias de abastecimento agrícola como agregadores e distribuidores de alimentos seguros, frescos e nutritivos. Cerca de 50 por cento dos produtos frescos a nível mundial passam pelos mercados grossistas. Ao aplicar a Orientação da OCDE-FAO às suas próprias atividades, os mercados grossista e retalhista podem liderar através do exemplo. Além disso, podem usar a sua influência para encorajar os parceiros comerciais a mitigar e prevenir danos ambientais e sociais adversos nas suas operações, tal como recomenda a Orientação da OCDE-OAO. Como centros logísticos, os mercados grossistas atuam como um interlocutor entre os intervenientes da cadeia de abastecimento, incluindo produtores, processadores, transportadores, retalhistas e consumidores. Este posicionamento significa que os mercados grossistas têm uma alavanca única para comunicar e encorajar práticas comerciais responsáveis tanto a montante como a jusante da cadeia de valor. Além disso, podem fornecer um fórum para abordagens

“Este posicionamento significa que os mercados grossistas têm uma alavanca única para comunicar e incentivar práticas empresariais responsáveis tanto a montante como a jusante da cadeia de valor!”

inovadoras à sustentabilidade da cadeia de abastecimento, que podem apoiar a mitigação de riscos em várias frentes, tais como a distribuição alimentar com baixo teor de carbono, a rastreabilidade para a segurança alimentar, e melhorar a logística da cadeia de frio para reduzir as perdas e desperdícios alimentares. Como tal, podem ser poderosos motores dos objetivos e recomendações de gestão de riscos ambientais e sociais delineados na Orientação da OCDE-FAO.

Poderia explicar os objetivos e tarefas do Grupo Consultivo (GC)?

O Grupo Consultivo da OCDE-FAO sobre Cadeias de Abastecimento Agrícola Responsáveis (GC) é uma iniciativa de múltiplos intervenientes que reúne decisores políticos, empresas, investidores, organizações da sociedade civil, academias e outros intervenientes envolvidos em cadeias de abastecimento agrícola para colaborar, reunir conhecimentos e desenvolver capacidades na gestão de riscos ambientais e sociais no sector agrícola através da adoção da Orientação da OCDE-FAO.

O GC fornece uma plataforma para apoiar:

- a partilha de experiências e conhecimentos técnicos sobre a abordagem dos riscos sociais e ambientais nas cadeias de abastecimento agrícola
- o avanço da Orientação da OCDE-FAO para Cadeias de Abastecimento Agrícola Responsáveis através de um Plano de Implementação da Orientação da OCDE-FAO partilhado.





11

Quais são os planos gerais de implementação para promover a Orientação nos próximos anos? Poderia partilhar connosco as principais prioridades?

De 2020-2022, a OCDE e a FAO concordaram em ter cinco ações prioritárias para aumentar a aceitação da Orientação da OCDE-FAO à escala:

1. Integrar as recomendações da OCDE-FAO sobre diligência devida nos quadros e normas regulamentares, e aumentar a adesão política e a visibilidade da Orientação
2. Conduzir avaliações de alinhamento de esquemas industriais em produtos selecionados
3. Desenvolver materiais e manuais/ferramentas técnicos de comunicação eficazes para promover a Orientação OCDE-FAO a nível mundial
4. Realizar formação sobre diligência devida baseada no risco
5. Medir a adoção da Orientação OCDE-FAO pelos Aderentes e desenvolver indicadores de impacto da devida diligência

Como nova Presidente do GC, juntamente com os novos Co-Presidentes - o Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável (WBCSD), o Instituto de Recursos Mundiais/Coligação para a Alimentação e Uso da Terra (WRI/FOLU), e a Corporação Financeira Internacional (IFC) - planeamos rever e discutir atualizações deste plano de implementação com os membros do GC e o Secretariado da OCDE-FAO este ano.

“Será óptimo saber como a WUWM está a abordar a resiliência da cadeia de abastecimento e a tecnologia nos mercados grossistas, particularmente como as tecnologias podem ser mais inclusivas para os pequenos produtores locais.”

Poderia explicar brevemente como funciona o Grupo Consultivo? (Reuniões, temas de discussão, propostas...)

Os membros do GC reúnem-se praticamente três vezes por ano para discutir alavancas chave para promover o RBC e a devida diligência no sector agrícola, de acordo com as recomendações da Orientação da OCDE-FAO. As reuniões constituem uma oportunidade para os membros partilharem conhecimentos e experiências sobre desafios técnicos, progressos e conhecimentos sobre a implementação da diligência devida e para trocar formas de facilitar cadeias de fornecimento agrícola responsável com diferentes partes interessadas.

A primeira parte de cada reunião do GC é dedicada a uma discussão substantiva sobre questões relacionadas com os negócios e impactos ambientais e sociais nas cadeias de abastecimento agrícola. Os tópicos planeados incluem normas e certificações globais de sustentabilidade; apoio e incentivos governamentais para o RBC; e desenvolvimento de indicadores-chave de desempenho (KPI's) para a devida diligência, entre outros. O GC pretende tornar essas discussões tão relevantes quanto possível, procurando sinergias com discussões em grandes eventos globais de interesse para os seus membros, tais como a próxima COP27 no Egito. Além disso, os membros do GC podem criar grupos de trabalho técnicos (GTT) para aprofundar estas áreas temáticas específicas fora das três reuniões anuais do GC principal. Os GTT serão liderados por membros e constituirão uma oportunidade para uma maior discussão entre os membros.

De uma perspectiva institucional, o que espera a Presidência do Grupo Consultivo?

Como plataforma multistakeholder, o GC oferece a oportunidade aos atores do sector agrícola - da exploração agrícola até à mesa - de criar um impulso, moldar e fazer avançar a agenda política global sobre cadeias de fornecimento agrícola responsáveis. Centramo-nos em resultados concretos, soluções e ideias para a promoção e implementação das Orientações, que podem contribuir para o trabalho da FAO e da OCDE e não só. Além disso, espero que o GC se torne o grupo de partilhas sobre a devida diligência nas cadeias de abastecimento agrícola e que sirva como um fórum para os membros aplicarem e construírem as suas competências e capacidades institucionais para se tornarem líderes na conduta empresarial responsável nos seus respetivos campos.

Para o conseguir, espera-se que os membros sejam participantes ativos - tanto durante as reuniões do GC como no âmbito das suas redes mais amplas - para conceber e implementar medidas eficazes de gestão dos riscos ambientais e sociais nas cadeias de abastecimento agrícola. Espera-se também que os membros do GC adotem, promovam e implementem as recomendações da Orientação da OCDE-FAO sobre estratégias de aprovisionamento responsável e/ou conduta empresarial responsável (incluindo negócios e direitos humanos, ESG, RSE, sustentabilidade, códigos de conduta).

A WUWM aderiu recentemente ao Grupo Consultivo (GC): como pensa que poderia ajudar a incentivar a aceitação global da Orientação da OCDE-FAO? Como é que se espera que a WUWM coopere? Quais são as principais questões e objetivos que gostaria que trouxéssemos para a mesa?

A WUWM é uma valiosa adição ao GC. Como rede global de organizações de alimentos e produtos frescos, a WUWM é capaz de divulgar informação, estabelecer parcerias entre os seus membros e adotar recomendações nas suas principais atividades comerciais sobre a Orientação da OCDE-FAO.

Garantir a segurança alimentar e providenciar dietas saudáveis de uma forma sustentável, inclusiva e consistente fazem parte dos nossos objetivos comuns. Valorizamos os conhecimentos, aprendizagens e boas práticas da WUWM com os seus esforços para melhorar a indústria, incluindo a procura de uma cadeia de abastecimento alimentar neutra para o clima. O GC proporciona um espaço seguro para discutir os desafios com o grupo diversificado de intervenientes que têm um papel a desempenhar na construção de cadeias de abastecimento agrícola responsável, para identificar lacunas onde são necessários mais apoios e ações coletivas e para aprender com os seus pares. Como tal, aguardamos com expectativa o envolvimento ativo da WUWM no GC, trazendo as perspetivas dos grossistas e retalhistas.

Como tenciona reforçar a resiliência da cadeia de abastecimento e o papel da tecnologia na promoção da responsabilidade e da transparência no sector, agora que os riscos ambientais e sociais puseram em evidência a vulnerabilidade do sector agrícola?

A Orientação OCDE-FAO reconhece como a tecnologia e a inovação podem desempenhar um papel fundamental nos esforços de mitigação dos riscos ambientais e sociais ao longo das cadeias de abastecimento agrícola. Por exemplo, os sistemas de rastreabilidade podem melhorar a logística da cadeia de abastecimento, facilitar o comércio e garantir a segurança alimentar dos produtos frescos. As empresas que operam ao longo das cadeias de abastecimento agrícola podem contribuir significativamente para o desenvolvimento sustentável, apoiando a difusão de tecnologia e inovação, particularmente as que aumentam a produção e o abastecimento responsável e podem gerar emprego direto e indireto. Ao mesmo tempo, as empresas devem considerar os riscos associados à tecnologia, direitos de propriedade intelectual, recursos genéticos e conhecimentos tradicionais; a Orientação da OCDE-FAO fornece uma descrição de medidas para mitigar tais riscos ao longo das cadeias de abastecimento agrícola. O GC planeia facilitar o diálogo sobre melhores práticas, desafios e oportunidades para a tecnologia apoiar sistemas alimentares responsáveis, resilientes e justos. Será ótimo saber como a WUWM está a abordar a resiliência da cadeia de abastecimento e a tecnologia nos mercados grossistas, particularmente como as tecnologias podem ser mais inclusivas dos pequenos produtores locais.





13

Informação:

Quais são os maiores desafios para o sector alimentar? Descubra a opinião de Emeline Fellus do Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável.

O nosso sector alimentar global atravessa atualmente uma fase de crise aguda, exacerbada pelas recentes emergências sanitárias, climáticas e geopolíticas. Pedimos a Emeline Fellus, Diretora do projeto FreSH e membro do Grupo de Liderança Alargada do WBCSD (Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável) para partilhar connosco o seu ponto de vista como especialista no nosso sector: quais são os principais desafios a ultrapassar e como enfrentá-los com sucesso para conseguir a transição para sistemas alimentares sustentáveis?

Poderia descrever o Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável (WBCSD) e o seu trabalho com esta organização?

O Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável (WBCSD) é a principal comunidade global, liderada pelo CEO de mais de 200 das principais empresas sustentáveis do mundo que trabalham coletivamente para acelerar as transformações do sistema necessárias para um futuro líquido zero, natureza positiva e mais equitativo.

Fazemo-lo através do envolvimento de executivos e líderes de sustentabilidade de empresas e não só para desenvolver soluções a nível de empresa, cadeia de valor e sistema, necessárias para criar um mundo em que mais de 9 mil milhões de pessoas estejam a viver bem, dentro das fronteiras planetárias, até meados do século.

Lidero um projeto-chave do WBCSD centrado no sector alimentar e agrícola, denominado FReSH - que significa «Food Reform for Sustainability and Health» (Reforma Alimentar para a Sustentabilidade e Saúde). No âmbito do projecto FReSH, mais de 30 empresas ao longo da cadeia de valor alimentar trabalham em conjunto para impulsionar a transformação do sistema alimentar, da mesa à exploração agrícola, a fim de proporcionar dietas saudáveis e sustentáveis a todos.

Publicou recentemente um documento a destacar os maiores desafios para o sector alimentar. Poderia resumi-lo para os nossos leitores?

A Visão 2050 do WBCSD identifica quatro desafios-chave que os nossos sistemas alimentares e agrícolas enfrentam:

- Produzir alimentos através de práticas de produção sustentável que restaurem e salvaguardem a natureza;
- Proporcionar o acesso de todos a alimentos nutritivos e acessíveis;
- Assegurar que as cadeias de valor sejam prósperas, equitativas e livres de abusos dos direitos humanos; e
- Consumir alimentos de forma sustentável

Os objetivos específicos, áreas de ação e exemplos para as empresas que enfrentam cada desafio são detalhados no Roteiro para a Alimentação e Agricultura do WBCSD.

E quais são as melhores estratégias a adotar para enfrentar com sucesso estes desafios?

14

Estes desafios podem por vezes parecer assustadores, mas cada ator do sistema alimentar tem os meios para contribuir para os alcançar. Podemos e devemos mudar as nossas formas de atuação a nível individual, a nível da empresa, a nível da cadeia de valor alimentar e a nível do sistema. A melhor maneira de proceder é, primeiro, mapear o seu negócio e atividades em relação às áreas de ação identificadas no roteiro, estabelecer metas e depois criar equipas em toda a sua empresa para atingir essas metas. É fundamental considerar todos os fatores ambientais, sociais e de saúde ao passar por este exercício, uma vez que muitas vezes uma ação que visa uma meta sem consideração pelos outros pode levar a impactos prejudiciais sobre os outros: temos de encontrar novas formas de fazer negócios e de nos comportarmos, que tenham impactos positivos em todos os fatores. Um bom exemplo disto é a diversificação das culturas básicas produzidas, transformadas, vendidas e consumidas ao longo de toda a cadeia de valor. Isto é explicado no Staple Crops Diversification Paper do WBCSD.



Qual o futuro que prevê para o nosso sistema alimentar global?

A nossa visão consiste num sistema alimentar que responda aos desafios acima mencionados e satisfaça as necessidades da sociedade em 2050: «um sistema alimentar regenerativo e equitativo que produza alimentos saudáveis, seguros e nutritivos para todos».

Como o Presidente e CEO do WBCSD, Peter Bakker, refletiu no final da Cimeira do Sistema Alimentar, «não há sistema onde a emergência climática, a perda da natureza e a crescente desigualdade se juntam como no sistema alimentar. A mudança incremental já não é suficiente, uma transformação generalizada dos nossos sistemas alimentares é agora urgente e crítica para concretizar os ODS e a mudança sistémica. A criação de sistemas alimentares equitativos, líquidos e positivos para a natureza, que possam alimentar todas as pessoas, é da responsabilidade de todos».

“Estes desafios podem por vezes parecer assustadores, mas cada ator do sistema alimentar tem os meios para contribuir para os alcançar.”





Que papel podem desempenhar os mercados grossistas para conseguir a transição para sistemas alimentares sustentáveis e inclusivos?

Os mercados grossistas, devido à sua posição estratégica na cadeia de valor entre produtores, retalhistas e consumidores, têm o potencial para enfrentar todos os desafios-chave e áreas de ação acima enumerados, na realidade. E, além disso, têm o potencial de reconectar todos os intervenientes ao longo da cadeia de valor alimentar para assegurar que os desejos de todos de melhorar os impactos sociais e ambientais dos sistemas alimentares se reflitam em melhores formas de produzir, comercializar e consumir.

Em particular, trabalhar ao longo da cadeia de valor dos alimentos, desde os produtores às empresas e consumidores, para aumentar a consciência sobre a necessidade e as formas de deslocar o que comemos e como o comemos, é uma área de ação crítica que os mercados grossistas estão numa posição única para enfrentar. As mudanças específicas que podem ser lideradas pelos mercados grossistas e os seus clientes incluem:

- Ajustar as misturas e tamanhos da carteira de produtos para melhorar a nutrição e a sustentabilidade e reduzir o desperdício alimentar;
- Aumentar a quota, diversidade e sustentabilidade dos alimentos à base de plantas;
- Aumentar a diversificação proteica e o desempenho da sustentabilidade; e
- Apoiar os consumidores na escolha e no acesso a alimentos saudáveis e sustentáveis.

Em particular, o desenvolvimento de novas formas de fazer negócios que reduzam a perda e desperdício de alimentos da exploração agrícola até à mesa, representam uma grande área de ação para os mercados grossistas e os seus clientes. Com efeito, é difícil imaginar como podem ser feitos progressos significativos para combater a crescente fome global se 1,6 mil milhões de toneladas de alimentos continuarem a ser perdidas e desperdiçadas anualmente - que também representam 8% das emissões globais de gases com efeito de estufa. Há muitas soluções à disposição dos mercados grossistas que vão desde mudanças bastante «simples» que podem ser feitas aos requisitos de tamanho, forma e cor impostos aos fornecedores ou exigidos pelos clientes, até mais mudanças tecnológicas que implicam o desenvolvimento de um segundo mercado para frutas e vegetais que não foram vendidos aos clientes primários. Exemplos inspiradores são fornecidos no relatório do WBCSD «receita para reduzir as perdas e desperdícios alimentares» publicado há alguns anos atrás.

“Desenvolver novas formas de fazer negócios que reduzam a perda e o desperdício de alimentos do campo ao prato representam uma grande área de ação para os mercados atacadistas e seus clientes.”



Em ação:

16

Como nos podemos preparar melhor para uma futura crise no sector dos alimentos frescos? Os investigadores da FAO partilharam connosco diferentes casos e lições de comportamentos dos governos locais durante a pandemia de Covid-19

Isabella Trapani, Guido Santini e Roman Malek da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) trabalharam num interessante inquérito sobre os impactos da Covid-19 nos sistemas alimentares urbanos regionais, analisando as respostas de emergência adotadas por três cidades localizadas em diferentes regiões do mundo: Antananarivo (Madagáscar), Melbourne (Austrália) e Quito (Equador). O estudo destacou o papel fundamental desempenhado pelos municípios na garantia da segurança alimentar, bem como a importância de abordagens territoriais feitas à medida. Tivemos o prazer de entrevistar os próprios autores do projeto de investigação, que partilharam connosco alguns conhecimentos do seu trabalho.

O impacto da COVID-19 (e outros choques e tensões como as alterações climáticas) nos sistemas alimentares tem sido significativo: declarou os efeitos no artigo «Construir Resiliência à COVID-19 nos Sistemas Alimentares na Região das Cidades», que se baseou num inquérito recente conduzido pela FAO. Poderia dizer-nos um pouco mais sobre os principais resultados desta sondagem?

A FAO lançou um inquérito pouco depois do início da pandemia da COVID-19 em 2020, para identificar os seus impactos nos sistemas alimentares urbanos, bem como para melhor compreender as medidas de emergência municipais. Este estudo visava construir uma base de provas sobre como as cidades podem responder a crises e reforçar a resiliência dos sistemas alimentares urbanos e das regiões das cidades. O estudo revelou que a pandemia afetou todos os nós e os atores do sistema alimentar, desde a exploração agrícola até à mesa. A distribuição e disponibilidade de alimentos foram perturbadas por restrições de circulação de pessoas, bens e serviços e outras medidas de contenção, tais como o encerramento de escolas e mercados. Além disso, a escassez de alimentos devido a ruturas de abastecimento e compras em pânico levaram ao aumento dos preços, o que afetou grandemente o acesso aos alimentos em tempos de perda de rendimentos, bem como a perturbações na distribuição de alimentos a grupos vulneráveis. Através do encerramento das escolas, muitas crianças não puderam ter acesso aos programas de refeições escolares. As restrições à circulação e ao transporte conduziram também à escassez de mão-de-obra e insumos agrícolas, afetando a produção e transformação de alimentos. A mobilidade restrita, o acesso e o funcionamento dos mercados e do comércio a retalho perturbaram o fornecimento de alimentos e aumentaram as perdas e desperdícios alimentares. Muitos habitantes urbanos regressaram também às zonas rurais durante o confinamento.



O inquérito também identificou as principais respostas municipais à pandemia. Muitos governos locais implementaram mecanismos para monitorizar os mercados alimentares tendo em vista a disponibilidade e preços dos alimentos, e compraram diretamente alimentos a produtores locais e outros canais de distribuição. Além disso, as cidades implementaram medidas para melhorar o acesso e distribuição de alimentos, particularmente às populações vulneráveis, através da expansão dos serviços de distribuição, centros de distribuição temporária de alimentos e distribuição direta. Em virtude do encerramento de escolas, algumas cidades criaram mecanismos alternativos às cantinas escolares. Alguns municípios poderiam também prestar assistência financeira a pessoas vulneráveis. Para reduzir os picos nos preços dos alimentos devido à compra de alimentos em pânico, muitas cidades promoveram um comportamento responsável na compra de alimentos. Além disso, outra avaliação da FAO observou que medidas restritivas nas operações agrícolas, incluindo mobilidade limitada, recolha, e restrições à importação de insumos e alimentos para conter a propagação do vírus, geraram uma vasta gama de impactos a curto e longo prazo sobre a produção e fornecimento de alimentos, afetando principalmente os agricultores de subsistência e os pequenos agricultores nas zonas rurais e urbanas.

Com base na análise das respostas ao inquérito, os sistemas alimentares em pequenas aldeias eram mais resistentes em comparação com as áreas urbanas maiores devido à sua proximidade de áreas de produção e cadeias de abastecimento mais curtas. Isto sublinha a importância das ligações urbano-rurais e da diversificação das fontes alimentares, incluindo a promoção da produção local de alimentos e cadeias de abastecimento mais curtas. Os resultados do inquérito também sublinharam a importância dos governos locais como facilitadores fundamentais para reduzir os impactos dos diferentes choques e tensões nos sistemas alimentares e assegurar o acesso à alimentação para a população mais vulnerável. Durante a pandemia, os municípios mostraram que podem desempenhar um papel crucial na identificação e ligação dos atores do sistema alimentar, facilitando a colaboração e coordenação e explorando soluções inovadoras baseadas na comunidade. Contudo, as cidades precisam de ser apoiadas com recursos adequados, um mandato claro, e ligações reforçadas com os programas governamentais nacionais.

No artigo, faz-se referência a três cidades localizadas em diferentes regiões do mundo, Antananarivo (Madagáscar), Melbourne (Austrália) e Quito (Equador), investigando as estratégias que adotaram para mitigar os efeitos negativos causados pela pandemia. Poderá comparar estas estratégias e explicar aos nossos leitores as diferentes abordagens utilizadas?

As três cidades são muito diversas, pelo que adotaram abordagens diferentes para lidar com a pandemia. Em Antananarivo, o governo regional pretendia reforçar as ligações urbano-rurais na região da cidade, ligando melhor os produtores aos consumidores através de mercados ao ar livre adicionais e facilitando o processamento de alimentos perecíveis. Em Melbourne, a resposta de emergência ao aumento da insegurança alimentar relacionada com a pandemia foi liderada principalmente pela sociedade civil, que forneceu caixas de alimentos, refeições de emergência e kits de jardinagem a cidadãos vulneráveis. A cidade de Melbourne começou a adotar uma abordagem territorial e tem como objetivo impulsionar a produção e consumo locais na região da cidade para uma maior resiliência. Em Quito, os mecanismos de governação alimentar existentes ajudaram a cidade a responder à pandemia. Com o apoio da FAO e da RUAF Parceria Global sobre Agricultura Urbana Sustentável e Sistemas Alimentares, a cidade implementou o programa Sistemas Alimentares na Região das Cidades (CRFS) entre 2015 e 2018, que incluiu uma avaliação aprofundada do sistema alimentar, o desenvolvimento de uma estratégia alimentar, bem como o estabelecimento de uma plataforma de governação multistakeholder. Por conseguinte, a cidade pôde não só identificar mercados locais mas também comunidades vulneráveis, ambas as quais ajudaram a distribuir alimentos às famílias necessitadas em tempos de pandemia. A cidade também aproveitou a sua plataforma de governação multistakeholder para mobilizar os intervenientes do sistema alimentar, o que permitiu respostas colaborativas.





Um tema comum nas três cidades foi a promoção e apoio da agricultura urbana e periurbana, que fornece fontes adicionais de alimentos e rendimentos aos cidadãos vulneráveis. Enquanto em Madagascar e na Austrália os respetivos governos regionais implementaram as respostas de emergência, a cidade de Quito alavancou os seus poderes municipais para intervir no sistema alimentar.

Na sua opinião, qual foi a abordagem mais completa e eficiente? Qual foi a cidade que obteve os melhores resultados?

Como as cidades se encontram em contextos muito diferentes, estão em diferentes fases de envolvimento com o seu sistema alimentar, e têm diferentes (limitados) recursos, capacidades e poderes de intervenção, não é possível comparar adequadamente as suas respostas. As diferentes soluções que foram implementadas nas três regiões das cidades têm grande potencial para construir resistência aos múltiplos choques e tensões para além da pandemia. É melhor combinar várias medidas, tais como o aumento da produção e consumo local e regional de alimentos sustentáveis e saudáveis, facilitar os mercados e a distribuição de alimentos, bem como colaborar com os principais atores do sistema alimentar do sector privado, governo nacional e regional, sociedade civil e academia para melhorar o acesso físico e económico aos alimentos. Continua a ser muito importante adotar uma abordagem holística adaptada ao contexto local e criar mecanismos facilitadores para a governação alimentar urbana.

18

Em geral, a abordagem regional da cidade adotada na Cidade de Quito tem sido muito inclusiva e eficaz. A avaliação e planeamento do sistema alimentar alimentou a formulação da Estratégia de Resiliência do Distrito Metropolitano de Quito (lançada em outubro de 2017). A estratégia colocou a economia alimentar como um dos principais pilares para a construção da resiliência urbana. Como resultado, foi criada uma Plataforma com vários atores, denominada Pacto Agroalimentar de Quito (PAQ), envolvendo membros dos sectores privado e público, academia e sociedade civil. Durante a pandemia da COVID-19, o PAQ facilitou um maior acesso a alimentos saudáveis e a diversificação da cadeia de abastecimento alimentar local através do Banco Alimentar de Quito, especialmente para as comunidades de baixos rendimentos.

Qual acha que pode ser o equilíbrio certo de cooperação entre governos, municípios, mercados e organizações em termos de sistemas alimentares?

A colaboração de múltiplos intervenientes é um elemento essencial da governação alimentar urbana e da transformação do sistema alimentar. O sector privado, o sector público, a sociedade civil e o meio académico devem trabalhar em conjunto para criar sistemas alimentares sustentáveis, resilientes e inclusivos. Isto assegura o aproveitamento dos conhecimentos, recursos e capacidades existentes, fomenta a inovação e aumenta a eficácia e eficiência das intervenções do sistema alimentar. Em tempos de crise, isto é especialmente importante a fim de coordenar as medidas de resposta e fornecer alívio rápido aos cidadãos vulneráveis. A colaboração entre diferentes sectores, entidades e grupos populacionais pode ser facilitada através de uma plataforma formal ou informal de governação multistakeholder.

A colaboração multistakeholder está também no cerne do programa CRFS. O envolvimento de atores-chave do sistema alimentar assegura uma maior consciência e compreensão comum das características, riscos e vulnerabilidades de um sistema alimentar da região da cidade. É crucial criar confiança entre as diferentes partes interessadas, e desenvolver os conhecimentos e capacidades necessários para construir sistemas alimentares resistentes. Através de uma forma participativa de trabalho, pode ser desenvolvida uma visão partilhada baseada em diferentes necessidades, e podem ser promovidas soluções inovadoras. No entanto, é essencial identificar uma figura condutora, um campeão, que possa facilitar o envolvimento de atores e a tomada de decisões concertadas. Tal figura pode ser uma instituição ou um funcionário de uma instituição, com um papel preponderante no sistema alimentar, no poder de decisão e na influência no contexto da cidade.

As estratégias adotadas foram principalmente de emergência e visavam o socorro a curto prazo. No que diz respeito à perspectiva a longo prazo, que medidas deveriam ser implementadas?

Embora medidas como a ajuda alimentar de emergência e a assistência financeira sejam concebidas para o curto prazo, existem várias medidas que podem ser implementadas para a transformação do sistema alimentar a longo prazo. Um exemplo destas últimas é a diversificação das fontes alimentares, o reforço das ligações rural-urbana e a promoção de cadeias de valor alimentar mais curtas através do aumento da produção e consumo locais, incluindo a agricultura urbana, periurbana e rural numa região urbana. Outro exemplo é investir em sistemas de proteção social que respondam ao choque para proteger os mais vulneráveis a longo prazo, e seguros de risco que permitam aos agentes do sistema alimentar serem reembolsados por perdas e danos. Mais importante ainda, é necessário integrar a alimentação e a agricultura nas políticas existentes e desenvolver políticas alimentares urbanas que reforcem a resiliência e a sustentabilidade dos sistemas alimentares. As cidades devem adotar princípios de planeamento e conceção urbana sensíveis aos alimentos e aos riscos para criar ambientes alimentares para os cidadãos que garantam o acesso adequado aos alimentos e promovam escolhas alimentares saudáveis e sustentáveis.

A abordagem CRFS oferece oportunidades políticas e programas concretos, dentro dos quais as questões de desenvolvimento podem ser abordadas e através dos quais as zonas rurais e urbanas e as comunidades de uma dada região da cidade podem ser diretamente ligadas. A melhoria dos sistemas alimentares das regiões urbanas ajudará a alcançar melhores condições económicas, sociais e ambientais, tanto nas zonas urbanas como nas zonas rurais próximas.

“Os resultados do inquérito sublinharam a importância dos governos locais como facilitadores fundamentais para reduzir os impactos dos diferentes choques e tensões nos sistemas alimentares e assegurar o acesso à alimentação para a população mais vulnerável.”

Quais foram - e continuam a ser - os principais obstáculos e vulnerabilidades a ultrapassar?

A pandemia tem causado crises económicas em muitas partes do mundo. Longas cadeias de valor alimentar, bem como a dependência das importações de alimentos e insumos agrícolas, em particular, tornam os sistemas alimentares locais vulneráveis à escassez de alimentos, perturbações da cadeia de abastecimento e picos nos preços globais e locais dos alimentos. Isto representa um grande desafio para as populações vulneráveis em áreas urbanas dependentes da compra de alimentos. Para além da pandemia, os sistemas alimentares urbanos estão a enfrentar vários outros choques e pressões. Isto inclui as alterações climáticas, cujos impactos já estão a afetar os sistemas alimentares em todo o mundo e irão aumentar, tanto em intensidade como em frequência, no futuro. O número de riscos climáticos comunicados, tais como secas, inundações e tempestades, quase duplicou nas últimas duas décadas, com um aumento acentuado dos impactos de catástrofes relacionadas. Nos últimos 10 anos, por exemplo, a produção agrícola por si só absorveu mais de 23% dos impactos globais das catástrofes naturais de média a grande





20

escala (e 82% só para a seca). Os resultados são o aumento dos preços dos alimentos e a escassez de alimentos devido a perturbações na produção agrícola e na distribuição de alimentos. Embora os sistemas alimentares urbanos sejam fortemente afetados pelas alterações climáticas, os estilos de vida modernos e os padrões de consumo insustentáveis nas zonas urbanas também exacerbam significativamente as alterações climáticas. Ao mesmo tempo, estes desafios oferecem grandes oportunidades de transformação dos sistemas alimentares para mitigar e adaptar-se às alterações climáticas, e para construir resiliência. Para superar obstáculos e vulnerabilidades e aumentar a resiliência, é essencial compreender melhor os impactos de múltiplos choques e tensões e identificar a população vulnerável no contexto de uma dada região da cidade.

Qual acha que é a melhor abordagem para a construção de sistemas alimentares resistentes e sustentáveis?

A fim de construir sistemas alimentares resilientes e sustentáveis, é crucial identificar riscos, vulnerabilidades e desafios existentes num dado sistema alimentar e criar ambientes e mecanismos que permitam identificar, planear e implementar intervenções e medidas para construir resistência no sistema alimentar. Isto inclui a construção de vontade política entre os principais decisores, assegurando a coerência entre as políticas locais, regionais e nacionais, reforçando a colaboração entre departamentos governamentais, coordenando melhor as intervenções do sistema alimentar, bem como envolvendo as principais partes interessadas do sistema alimentar de todos os setores. Além disso, alavancar e expandir os poderes, recursos, conhecimentos e capacidades de resiliência existentes são a base de uma governação alimentar eficaz. A diversificação das fontes alimentares e das cadeias de valor, o reforço

das ligações rurais-urbanas e a promoção de cadeias de valor curtas podem aumentar tanto a resiliência como a sustentabilidade dos sistemas alimentares locais. Outras medidas concretas de resiliência a choques e pressões múltiplas incluem a governação e sistemas de informação sobre o clima e riscos de catástrofes, sistemas de alerta precoce, mecanismos de transferência de riscos tais como proteção social e seguros, práticas e tecnologias agrícolas sensíveis ao risco, preparação para emergências, ação e resposta precoce, impermeabilidade ao risco climático de infraestruturas cinzentas ao longo da cadeia de valor alimentar, soluções baseadas na natureza, perda de alimentos e redução de resíduos, e dietas amigas do clima e sustentáveis.

“Um tema comum nas três cidades foi a promoção e apoio da agricultura urbana e periurbana, que fornece fontes adicionais de alimentos e rendimentos aos cidadãos vulneráveis.”

Neste contexto, qual é, na sua opinião, o papel que os mercados grossistas podem desempenhar?

Para reduzir o risco a choques múltiplos, é importante diversificar as fontes alimentares e as cadeias de valor, para minimizar o risco de perturbação. Neste contexto, os mercados alimentares por grosso podem desempenhar um papel significativo no reforço tanto da resiliência como da sustentabilidade dos sistemas alimentares urbanos. São pontos de entrada essenciais nas cadeias de abastecimento alimentar e oferecem benefícios a todos os intervenientes no sistema alimentar, desde os produtores aos consumidores. Os mercados grossistas atuam como um elo crucial entre produtores e fornecedores e consumidores locais, bem como as zonas rurais e urbanas. Facilitam cadeias de abastecimento curtas, especialmente no caso de mercadorias produzidas localmente, o que aumenta a resistência do sistema alimentar, impulsiona a economia local e contribui para reduzir a perda e desperdício de alimentos. Para responder aos impactos da pandemia, alguns mercados grossistas também implementaram novas medidas para comercializar alimentos, tais como através de aplicações e plataformas digitais para produtores, comerciantes, e consumidores. Além disso, muitos mercados grossistas redirecionaram os excedentes alimentares para bancos alimentares locais, o que proporcionou alívio alimentar e reduziu o desperdício alimentar.

No entanto, é fundamental evitar soluções de tamanho único e, em alguns contextos, é mais apropriado descentralizar a distribuição alimentar, promovendo e reforçando os centros de distribuição de alimentos, mercados retalhistas, etc. Além disso, é crucial evitar a criação de estrangulamentos no abastecimento e distribuição. Por exemplo, um incêndio dramático no mercado grossista de Medellín, Colômbia, em 2017, criou uma perturbação perigosa durante várias semanas, pondo em risco o acesso a alguns produtos alimentares básicos, especialmente para os pobres.

Quais são as suas opiniões e pensamentos sobre o futuro dos sistemas alimentares, em termos de resiliência, segurança alimentar e sustentabilidade?

As cidades estão a crescer rapidamente e espera-se que a população urbana aumente para 68% até 2050, prevendo-se que a maior parte do crescimento tenha lugar em povoados urbanos já densamente povoados e vulneráveis em África e na Ásia. Isto cria enormes desafios aos sistemas alimentares urbanos, à produção agrícola, ao ambiente e à segurança alimentar. Por conseguinte, as cidades precisam urgentemente de se envolver na governação do sistema alimentar, alavancar os seus poderes e tornar-se formadores ativos dos seus sistemas alimentares urbanos para garantir a segurança alimentar atual e futura a uma população em crescimento, protegendo ao mesmo tempo o ambiente.



Em eventos:

A WUWM participou no painel do Webinar SFS-MED «Gestão de resíduos alimentares e economia circular em cidades mediterrânicas»

No dia 25 de maio, a WUWM foi convidada a falar como um dos principais membros do painel no seminário Web SFS-MED «Gestão de resíduos alimentares e economia circular em cidades mediterrânicas».

O evento foi organizado conjuntamente pelo Centro Internacional de Estudos Agronômicos Avançados do Mediterrâneo (CIHEAM), a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), o Secretariado da União para o Mediterrâneo e a Parceria para a Investigação e Inovação na Área Mediterrânica no âmbito da Plataforma SFS-MED (PRIMA), uma iniciativa multistakeholder para Sistemas Alimentares Sustentáveis no Mediterrâneo como um projeto afiliado do Programa de Sistemas Alimentares Sustentáveis da Rede Planeta Um.

Este webinar foi parte de uma série de encontros técnicos organizados para dar visibilidade à perícia de uma rede de investigadores, profissionais de desenvolvimento e decisores. O objetivo dos encontros é estimular um debate sobre temas relevantes para a transformação dos sistemas alimentares no Mediterrâneo e reforçar o conhecimento também através da troca de experiências sobre os recentes resultados da investigação e estudos, bem como apresentar ações locais e regionais para promover a operacionalização das abordagens dos sistemas alimentares. Os webinars girarão em torno de um conjunto de prioridades e tendências que são comuns à maioria dos países da região, considerados pontos de partida relativamente ao que transformar nos sistemas alimentares do Mediterrâneo: «Como podem as cidades mediterrânicas assegurar o envolvimento de múltiplos intervenientes na gestão de resíduos alimentares e na aplicação de práticas de economia circular?»

O desperdício alimentar é um problema que afeta fortemente os países mediterrânicos e tende a dificultar os esforços para produzir e fornecer alimentos através de uma utilização eficiente dos recursos naturais e dos investimentos. A mudança de uma abordagem de economia linear baseada no «take-make-waste» para uma economia circular permite manter o valor e a utilidade dos produtos alimentares, nutrientes e recursos durante o máximo de tempo possível, minimizando a utilização de recursos e a reciclagem dos resíduos e subprodutos alimentares. A transição para economias alimentares circulares cria oportunidades para reduzir a pegada ambiental dos sistemas alimentares, combater a insegurança alimentar, diversificar o mercado de trabalho através de novas competências e envolver os cidadãos em comportamentos sustentáveis. Na região mediterrânica, mais de 70% da população vive em zonas urbanas, uma proporção que se prevê que venha a crescer nos próximos anos. A urbanização na zona mediterrânica levará a cadeias alimentares alargadas, o que conseqüentemente aumentará o desperdício alimentar e a pressão sobre a terra, a água e os recursos energéticos. Contudo, ao implementar estratégias inovadoras de economia circular, as cidades podem reduzir as suas emissões de gases com efeito de estufa, aumentar o fornecimento de alimentos seguros e nutritivos também através de programas de proteção social e mitigar a carga sobre os recursos naturais causada pela produção de alimentos.

O webinar alcançou um envolvimento de mais de 200 participantes, não incluindo aqueles que assistiram à conferência através da plataforma de streaming ao vivo da FAO. Peritos do sector de toda a área mediterrânica forneceram o seu ponto de vista pessoal aliado a exemplos de iniciativas admiráveis e bem sucedidas.

Mohamed Higazy, Diretor do Gabinete Regional para as Cidades e Governos Locais Unidos do Norte de África (CGLU) e Conselheiro do Ministro do Desenvolvimento Local egípcio, apresentou o painel de discussão com observações-chave sobre a área mediterrânica. Na sua opinião, há duas grandes questões a solucionar a fim de resolver a insegurança alimentar na região: aumentar a produção alimentar e evitar o desperdício de alimentos. Mas o principal obstáculo que impede a realização destes objetivos é o isolamento; as cidades do Mediterrâneo precisam de desenvolver ligações que lhes permitam cooperar no domínio do desperdício alimentar: os decisores políticos e os intervenientes locais devem planear e implementar iniciativas conjuntas para um objetivo comum.

Um exemplo bem sucedido de ação sistémica foi apresentado por Elisa Porreca, representando o Departamento de Política Alimentar da Câmara Municipal de Milão (Itália), que levou a cabo um programa de recolha de resíduos de infraestruturas cruciais, tais como escritórios, escolas, cantinas e mercados grossistas da cidade de Milão, para depois recuperar os resíduos alimentares para instituições de caridade ou estruturas de reciclagem. Outros oradores como Ilirian Gjoni (Diretor Executivo do Banco Alimentar da Albânia) ou Birol Ekici (Secretário-Geral da União Turca de Municípios) proporcionaram experiências semelhantes de governação local, envolvimento e trabalho em rede implementado para gerir os resíduos alimentares e promover práticas de economia circular.

A União Mundial dos Mercados Abastecedores, representada pela Secretária-Geral Eugenia Carrara, destacou casos de estudo de alguns membros da WUWM, tais como o Mercado de Rungis francês ou o Mercabarna espanhol, que encontraram formas eficientes de gerir os resíduos alimentares, dando provas de um modelo estruturado de economia circular. Os mercados grossistas são de facto as principais infraestruturas capazes de reduzir significativamente os resíduos alimentares e promover boas práticas para fazer uma utilização inovadora e sustentável dos mesmos. No entanto, a primeira ação a empreender em muitos países mediterrânicos é ter acesso a formas de financiar investimentos para construir infraestruturas modernas para melhorar o armazenamento e a cadeia de frio: isso terá um impacto radical na redução do desperdício alimentar na região.

Todos os participantes no webinar concordaram e sublinharam esta afirmação nas suas próprias intervenções: o desperdício alimentar afeta a segurança alimentar, a economia e o ambiente, e para quebrar este ciclo vicioso é importante reunir e cooperar para pôr em marcha uma cadeia de ações diferente. É portanto fundamental sensibilizar todos os níveis da sociedade, de modo a permitir que diferentes sectores unam esforços e contribuam para um sistema alimentar mais saudável, mais ecológico e mais resistente.

23

No mundo da WUWM

11 maio — A WUWM participou no workshop do Fórum EAT «Políticas alimentares e a sua contribuição para os sistemas alimentares de maio ping».

11 maio — Italmercati e a Casa Europeia Ambrosetti acolheram o evento 'L'Italia alla prova del cambiamento: la risposta dei mercati agroalimentari all'ingrosso' em Roma, Itália

13-14 maio — Lançamento oficial da Iniciativa 'Gosto do Meu Mercado' 2022 (LYLM) em Lisboa, Portugal

22 maio — O Presidente da WUWM Stéphane Layani recebeu o prémio « Best Commitment » do Fundo Mundial em Cannes (França) pelo seu empenho em garantir a segurança alimentar e o desenvolvimento sustentável

25 maio — A WUWM participou no painel do Webinar SFS-MED «Gestão de resíduos alimentares e economia circular em cidades mediterrânicas».

“O desperdício alimentar é um problema que afeta fortemente os países mediterrânicos e tende a dificultar os esforços de produção e fornecimento de alimentos através de uma utilização eficiente dos recursos naturais e de investimentos.”



About WUWM:

We aim to facilitate access to healthy diets for everyone in the world by delivering more sustainable, inclusive, and high-quality fresh food supply systems. We exchange ideas, share best practices and cooperate with our partners in international organizations, governments, businesses, and the public.

